

AÇÕES EDUCACIONAIS UNIVERSITÁRIAS NO COMBATE AO HIV/AIDS EM RIO GRANDE/RS – UM DOS MUNICÍPIOS COM MAIORES ÍNDICES DE INFECÇÃO PELO VÍRUS NO BRASIL

WILLIAN MIRAPALHETA MOLINA¹; CRISTIANE BARROS MARCOS²

¹*Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – willianmolina12345@gmail.com*

²*Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – cristianemarcos@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Esta escrita é um recorte de um Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG), que teve como foco a análise das ações educacionais voltadas ao enfrentamento do HIV/Aids e da sorofobia em Rio Grande/RS, um dos municípios brasileiros com maiores índices de infecção pelo vírus por vários anos seguidos (BRASIL, 2023). O estudo abrangeu diferentes âmbitos, incluindo escolas, universidades e secretarias municipais. O recorte aqui apresentado concentra-se nas ações realizadas pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), devido ao seu papel relevante na comunidade, especialmente no ensino e extensão.

A história da pandemia de HIV/Aids é marcada pela estigmatização e preconceito contra pessoas vivendo com o vírus. Um estudo de 2019 da UNAIDS (Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS), com pessoas brasileiras vivendo com o vírus, revelou que 41% das pessoas já enfrentaram discriminação familiar ao longo da suas vidas, enquanto que 19,6% perderam seus empregos devido à sorofobia e 25,3% sofreram assédio verbal (ALMEIDA, 2019). Como visto, o preconceito perdura vivamente no país, e isso contribui para o isolamento, atrasos no tratamento e aumento da pandemia. No Brasil, mais de um milhão de pessoas vivem com HIV (BRASIL, 2023), sendo que 135 mil desconhecem a infecção.

No Rio Grande do Sul, o coeficiente de mortalidade por Aids é, atualmente, o maior do país (BRASIL, 2023). A cidade do Rio Grande permaneceu no topo do ranking dos 100 municípios com maior índice de casos de infecção no país por quatro anos consecutivos – primeiro lugar em 2018 e 2019, quarto lugar em 2020 e terceiro lugar em 2021. No último boletim o município ocupou a nona posição. Ressaltamos que Rio Grande não estar mais nas primeiras posições não significa grandes conquistas, visto as estatísticas estaduais.

Diante deste cenário, o objetivo desta pesquisa foi analisar as produções acadêmicas da FURG, com foco em propostas educacionais sobre HIV/Aids para barrar o vírus e o preconceito em Rio Grande/RS. Investigamos produções acadêmicas (trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses) e projetos acadêmicos (ensino, pesquisa, extensão e cultura), ambos chamados, aqui neste estudo, por "ações educacionais".

2. METODOLOGIA

Buscamos as ações educacionais relacionadas ao HIV/Aids nos sites oficiais da universidade, utilizando o sistema ARGO¹ (Sistema de Administração de Bibliotecas) para as produções acadêmicas e três sites para os projetos com acesso direto ao site oficial da FURG². Focamos as buscas em dados recentes (2014-2023)

¹ <https://argo.furg.br/>

² <https://www.furg.br/>

e utilizamos os marcadores "HIV" e "Aids". Após coletar e ler todos os dados, seja a escrita na íntegra (produções acadêmicas) ou ementa dos projetos, categorizamos os dados em "combate à pandemia do HIV", "combate à sorofobia" ou "combate à pandemia do HIV e à sorofobia", conforme critérios específicos.

Em "combate à pandemia do HIV" utilizamos critérios como testagem viral, profilaxias, tratamentos e prevenções e em "combate à sorofobia" critérios como diálogos sobre preconceitos, discriminações e pessoas que vivem com HIV/Aids (PVHA). Por fim, as ações que transitam entre as duas categorias expostas no quadro acima foram agrupadas em "combate à epidemia do HIV e à sorofobia".

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Encontramos um TCCG, cinco dissertações e cinco teses na base ARGO, além de três projetos de ensino, 23 de pesquisa e sete de extensão na FURG. Após análise, muitos dados foram excluídos por não se alinharem ao foco da pesquisa. Aqueles selecionados foram categorizados conforme os critérios propostos. Ao todo tivemos nove projetos inseridos em apenas duas categorias: "combate à epidemia de HIV", sendo representado por dois projetos de pesquisa e três projetos de extensão e cultura e "combate à epidemia de HIV e à sorofobia", contendo três projetos de ensino e um projeto de extensão e cultura (Quadro 2). O "X" no quadro representa que tal ação se encaixa em tal categoria de análise.

Quadro 2 - Projetos da FURG desenvolvidos ou em desenvolvimento nos últimos 10 anos (2014-2023) na instituição, sobre o tema HIV/Aids com foco no combate à epidemia do vírus, combate à sorofobia ou ambas.

Tipo	Código e título do projeto	Combate à epidemia de HIV	Combate à epidemia de HIV e à sorofobia
Ensino	(E1) Projeto XXVIII semana acadêmica da medicina: ists: desmistificar, conduzir e acolher. 2022 a 2022		X
Ensino	(E2) Curso assistência de enfermagem ao paciente com HIV/AIDS. 2020 a 2021		X
Ensino	(E3) Interfaces entre a formação acadêmica e a vivência no Serviço de Assistência Especializada. 2020 a 2020		X
Pesquisa	(P1) Sífilis e HIV: palestras educativas e testes sorológicos para fuzileiros navais do sexo masculino na região sul do Brasil. 2019 a 2019	X	
Pesquisa	(P2) Estudo sobre sífilis e HIV em diferentes Organizações Militares da Marinha em Rio Grande/RS em homens na região Sul do Brasil. 2021 a 2023	X	

Extensão e cultura	(EC1) Palestras educativas para alunos de escolas públicas e particulares da cidade de Rio Grande/RS sobre sífilis e HIV/AIDS. 2019 a 2020	X	
Extensão e cultura	(EC2) 1º Encontro Regional de HIV/Aids e Hepatites Virais de Cidades Portuárias e Fronteiras. 2019 a 2019	X	
Extensão e cultura	(EC3) Triagem sorológica para HIV, hepatites B e C e sífilis para comunidade universitária - FURG. 2019, em andamento	X	
Extensão e cultura	(EC4) Projeto Escola Promotora da Igualdade de Gênero. 2020, em andamento		X

Fonte: Autores.

As produções acadêmicas não foram utilizadas como dados neste estudo pois não traziam propostas educativas sobre o tema. Entre os nove projetos analisados, apenas 2 (extensão) estavam em andamento no momento da pesquisa.

Análise de categorias: Combate à epidemia de HIV

Os projetos de pesquisa analisados focaram majoritariamente no "Combate à epidemia de HIV", especialmente os projetos voltados para fuzileiros e militares (P1 e P2), que incluíam testagem para HIV e palestras sobre diagnóstico, transmissão e tratamento, com ênfase em aspectos biológicos. Nos projetos de extensão, como o de palestras para estudantes de escolas públicas e particulares (EC1), o foco também era educar sobre HIV e sífilis, priorizando uma abordagem biológica e epidemiológica, sem abordar a questão da sorofobia.

Já o projeto "EC2" foi categorizado apenas como combate à epidemia, uma vez que associava o HIV a grupos marginalizados, o que pode reforçar estigmas. Embora este projeto se tencione a dialogar sobre HIV/Aids e possivelmente contribuir com a diminuição da pandemia, ele acaba por construir um espaço que associa o vírus a comunidades historicamente marginalizadas e discriminadas socialmente, como pessoas LGBT+, pessoas em situação de rua e usuários de drogas (Knauth et al. 2020), como foi apresentado na ementa do projeto. Por fim, o "EC3" concentrou-se em ampliar o diagnóstico e discutir a prevenção e tratamento do HIV, promovendo ações para conter a pandemia no município.

Análise de categorias: Combate à epidemia de HIV e à sorofobia

Os projetos de ensino analisados abordam tanto o combate ao HIV quanto à sorofobia por meio de propostas educativas. Um exemplo é o projeto "E1", que utilizou palestras e arte, incluindo o documentário "Carta Para Além dos Muros", para discutir o preconceito. Outros dois projetos de ensino (E2 e E3) focam na qualificação de profissionais da saúde para atender PVHA, tanto em relação à discriminação e ao preconceito, quanto em relação a circulação viral, tratamentos e prevenções. Para finalizar, o projeto de extensão "EC4" se destaca por tratar de temas como gênero, sexualidade e infecções sexualmente transmissíveis, ampliando o foco além da biologia do vírus.

Percebemos uma maior tendência para o viés de combate à epidemia, na medida em que houveram mais recorrências para ênfases “biológicas” e/ou da área da saúde como métodos de prevenção e testagem. E poucos projetos que envolvessem “como é a vida de alguém com o vírus”, o histórico da epidemia, o estigma, o preconceito, a rejeição, a associação do vírus a pessoas LGBT+, entre outras questões sociais que ainda se movem no tecido social.

Destacamos que em nível de universidade há pouco envolvimento da instituição em projetos que dialoguem sobre o vírus, visto que apenas dois projetos estavam em andamento. E isso pode gerar reflexos na formação dos profissionais que atuarão na sociedade. Além disso, mesmo que projetos em andamento sejam de extensão, este pilar que une comunidade e universidade aparece muito pouco representado, mitigando discussões sólidas em espaços de educação não formal.

Acentuamos, por fim, que a carência dessas ações educacionais na universidade potencializam o distanciamento do diálogo sobre o tema com a comunidade acadêmica e externa à universidade. Também, a falta de contato na universidade com o tema no viés mais “social” acaba por contribuir na formação de profissionais, como por exemplo, de professores de Ciências e Biologia, com um ensino de biologia mais limitado às questões orgânicas do vírus.

4. CONCLUSÕES

Neste estudo tentamos dialogar entre o “combate à epidemia do HIV” e o “combate ao preconceito”, pois entendemos que não basta apenas falar sobre o aspecto biológico do vírus é preciso conhecer e combater também a “epidemia do preconceito”. Sabemos também que a história do vírus e seus entrelaçamentos históricos não podem ser negligenciados. Finalizamos, reafirmando a necessidade de um olhar mais atento às questões sociais sobre o HIV/Aids, e enfatizamos, novamente, haver poucos projetos universitários sobre o tema na instituição analisada, o que pode gerar implicações no que tange a melhoria de vida das pessoas afetadas pelo vírus e na redução de incidência de novas infecções na comunidade rio-grandina.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico - HIV/Aids 2023**. Brasília, 6 de Dez. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br/central-deconteudo/boletins-epidemiologicos/2023/hiv-aids/boletim-epidemiologico-hiv-e-aids2023.pdf/view>. Acesso em: 21 set. 2024.

KNAUTH, D. R. et al. O diagnóstico do HIV/aids em homens heterossexuais: a surpresa permanece mesmo após mais de 30 anos de epidemia. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, p. e00170118, 8 jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311x00170118> Acesso em: 18 mar. 2024.

SILVEIRA, J. M. et al. Prevalência e fatores associados à tuberculose em pacientes soropositivos para o vírus da imunodeficiência humana em centro de referência para tratamento da síndrome da imunodeficiência adquirida na região sul do Rio Grande do Sul. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, v. 32, p. 48-55, 2006.